

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO
DEPARTAMENTO DE ECONOMIA

MONOGRAFIA DE FINAL DE CURSO

A ORGANIZAÇÃO DA INDÚSTRIA TÊXTIL BRASILEIRA NO CONTEXTO
INTERNACIONAL

Aluna: Sofia Albuquerque Anicet Lisboa
Matrícula: 1011304

Orientador: Leonardo Rezende

Dezembro de 2013

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO
DEPARTAMENTO DE ECONOMIA

MONOGRAFIA DE FINAL DE CURSO

A ORGANIZAÇÃO DA INDÚSTRIA TÊXTIL BRASILEIRA NO CONTEXTO
INTERNACIONAL

Aluna: Sofia Albuquerque Anicet Lisboa
Matrícula: 1011304

Orientador: Leonardo Rezende

Dezembro de 2013

Declaro que o presente trabalho é de minha autoria e que não recorri para realizá-lo, a nenhuma ajuda externa, exceto quando autorizado pelo meu professor-tutor.

As opiniões expressas nesse trabalho são de responsabilidade única e exclusiva do autor.

Resumo

A indústria têxtil e de confecções é o alvo do presente estudo. Com a mudança das indústrias dos países desenvolvidos para os países emergentes configurou uma nova ordem mundial. A indústria brasileira é analisada e como ela vem se comportando e reagindo ao contexto internacional que se instaurou. Dado as tendências globais para o setor, quais são as medidas a serem tomadas para a indústria continuar a ser uma das mais importantes no Brasil. O que deve ser feito para o país reverter o quadro e não ocorrer uma desindustrialização precoce e perder a segunda maior indústria de transformação do país.

Palavras-chaves

Indústria têxtil, confecções, desindustrialização, custo Brasil

Sumário

1. Introdução
2. Indústria têxtil
3. Indústria da moda
4. A indústria brasileira no cenário mundial
 - 4.1 Estrutura brasileira de produção da indústria têxtil e de confecções
 - 4.2 Tendência mundial da indústria têxtil
 - 4.3 Posição do Brasil frente a tendência mundial
5. O custo Brasil e a desindustrialização
6. Conclusão e ponderações finais
7. Bibliografia

1. Introdução

A indústria têxtil foi a primeira indústria a surgir no mundo. Ela foi a responsável pela revolução industrial, pois os teares foram as primeiras máquinas a serem criadas, possibilitando uma produção em maior escala. A utilização de tecnologia simples, além de ter a mão de obra como principal fator de produção, faz com que essa seja a primeira indústria a ser implementada nos países no início do processo de industrialização. Com a globalização houve uma migração dessa indústria dos países desenvolvidos para os países emergentes, já que nestes a mão de obra é abundante e barata, diminuindo o custo de produção. Apesar de ter surgido no século XVII, ainda hoje a indústria têxtil e de confecções tem uma grande importância mundial. O desenvolvimento da moda alimenta a indústria, já que a cada coleção são produzidas novas roupas, tendo uma grande movimentação na produção. As tendências da moda cada vez duram um período menor de tempo, por isso, motivados pela estética e beleza, as pessoas consomem mais roupas para estarem sempre atualizadas, por isso movimenta muito capital.

No Brasil, a indústria de têxteis e confecções surgiu na época do café. O país era um produtor primário, por isso a indústria ficou em segundo plano, começando a existir quando os produtores de café investiram na indústria com o excedente de capital das exportações. Como não era dada muita importância a indústria, durante a fase inicial ela sofreu muitos ciclos de expansão e contração e apenas se estabilizou com a decadência do café. Atualmente a produção brasileira vem sofrendo com a competição dos países asiáticos. Apesar do Brasil ser um país emergente, com mão de obra abundante, existem muitos problemas de infraestrutura, leis e as altas taxas de juros, que dificultam sua competição. Desde a sua abertura comercial em 1990, os empresários do setor vem lutando para não perder espaço no mercado interno para esses produtos, porém não estão obtendo êxito e por isso pedem que o governo tome medidas que aumentem a competitividade da indústria.

Dado esse contexto que se instalou no mundo, o presente estudo tem como objetivo entender como indústria têxtil e de confecções brasileira se estruturou, e como ela foi afetada devido o cenário mundial. Ainda buscamos entender quais as tendências da indústria no mundo e quais são os principais desafios a serem enfrentados para manter a indústria brasileira frente a concorrência com os países asiáticos.

No primeiro capítulo é feita uma análise da indústria têxtil e de confecções brasileiras, qual o cenário da indústria e a sua evolução ao longo dos anos. No segundo capítulo a análise é feita para o comportamento do segmento de moda brasileiro no mercado interno e a visão do mundo sobre

este, além de como afeta a indústria têxtil e de confecções. O terceiro capítulo mostra as particularidades da indústria brasileira devido a concorrência que vem sofrendo, passando pelo problema do trabalho semiescravo de bolivianos e a composição da indústria que está se especializando em nichos de mercado. Em seguida é analisado as tendências mundiais da indústria e é feito uma relação entre as tendências e o mercado brasileiro. O quarto capítulo mostra que os problemas que estão sendo enfrentados pela indústria têxtil e de confecções, não é uma particularidade dessa indústria, mas é um problema que a indústria brasileira como um todo vem sofrendo, abordando o tema do custo Brasil e da desindustrialização brasileira.

2. Indústria têxtil e de confecções.

A indústria têxtil foi a pioneira na revolução industrial, pois as suas características foram propícias ao desenvolvimento inicial da mecanização com as máquinas de tear, responsável por fazer as tramas dos tecidos, já que são dotadas de tecnologia simples. Com o desenvolvimento das indústrias e as melhorias tecnológicas que vinham ocorrendo, a produção começou a ser em larga escala e padronizada acarretando em uma nova forma organizacional da produção e consumo na qual estamos submetidos até hoje.

Conforme Guerra (2007), a cadeia de produção têxtil confecções engloba indústrias tidas como tradicionais, suas principais características são: intensivas em mão de obra barata e pouco qualificada, as matérias-primas utilizadas são pouco elaboradas, possuem lenta renovação de tecnologias, são dotadas de pequena margem de lucro e pequeno crescimento econômico. São indústrias em que a barreira de entrada é baixa, tanto pelo lado tecnológico como pela escala de produção. É uma indústria heterogênea, micros e pequenas empresas tentam disputar o mercado com empresas de grande porte e com melhor tecnologia. Outro fator para essa grande variedade estrutural das empresas é a grande diferenciação entre os produtos, causados pelas diferenças entre os consumidores, já que os níveis de renda, estilo e cultura afetam as preferências dos consumidores.

Como essa indústria foi uma das primeiras a surgir, ela já passou pelos países pioneiros da revolução industrial e atualmente está concentrada principalmente nos países em desenvolvimento, assim foi uma indústria chave para diferentes países. As barreiras tarifárias entre os países estão cada vez menores, propiciando a integração mundial dos artigos têxteis e de confecções, o aumento da concorrência internacional gerou mudanças na organização mundial de produção. Cada vez é mais forte o deslocamento da cadeia de produção dos países desenvolvidos para os emergentes, com destaque para os três maiores produtores mundiais: China, Índia e Paquistão. Os países desenvolvidos mantêm no território nacional as etapas do processo que agregam mais valor, como *marketing*, *design* e organização da produção. A diferenciação do produto é cada vez mais necessária para atrair os consumidores.

A China é o maior *player* da indústria têxtil e de confecção, pois além de ser o maior produtor mundial, é também um dos maiores importadores da cadeia, já que a produção depende das fibras, que são importadas de outros países para cobrir a crescente produção chinesa. Ela se tornou a maior exportadora, pois como não existe um grande *gap* na tecnologia necessária para a

produção da cadeia têxtil e confecções, os dois insumos mais importantes se tornam a mão de obra e a matéria-prima. A China e os países asiáticos possuem uma grande vantagem competitiva na mão de obra, já que esta é abundante e barata, a tabela 1, mostra o custo de mão de obra por hora dos principais países produtores de têxteis e confecções. Além disso, o país é uma grande produtor das máquinas para fabricação de têxteis, assim eles tem as máquinas mais modernas para o processo de produção. Vendo as vantagens competitivas da China, algumas marcas de grande nome nos países desenvolvidos começaram a instalar suas fábricas no país, para reduzir os custos de produção (Rangel, 2008).

Tabela 1:

Custo da mão-de-obra por hora

País	Custo da mão-de-obra por hora
Brasil	U\$\$ 3,27
China	U\$\$ 0,55
Paquistão	U\$\$ 0,42
Bangladesh	U\$\$ 0,28

FONTE: ABIT (2007)

A indústria têxtil brasileira foi implementada efetivamente entre a segunda metade da década de XIX e as primeiras décadas de XX e intercalava períodos de expansão com períodos de menor atividade. A partir da década de 80, a indústria se consolidou, porém carecia de modernização. Com as altas barreiras tarifárias no país, as fábricas não se modernizaram havendo uma grande defasagem do capital produtivo entre a indústria nacional e a internacional. Países como Taiwan e Coreia do Sul tinham uma produção voltada para o mercado externo, principalmente para os Estados Unidos, o que incentivou a constante renovação tecnológica para ter uma produtividade maior. Já a indústria nacional, estava voltada para o mercado interno e com as barreiras de entrada dos produtos importados, por isso a renovação tecnológica e a busca por processos que aumentassem a qualidade e a produtividade das fábricas não foram estimuladas. As matérias-primas utilizadas, como as fibras do algodão, possuíam uma qualidade inferior quando comparadas à de outros países, as práticas de má colheita oscilavam muito os preços. A mão de obra nas fábricas eram pouco treinadas, precisando de um gerenciamento da mão de obra para aumentar a produtividade. Apesar do grande potencial de produção do Brasil, energia e mão de obra barata, sua parcela de exportação no mercado internacional era mínima.

Após a abertura comercial, em 1990, as empresas precisaram se modernizar para poder competir com os produtos internacionais que estavam entrando no mercado. No primeiro momento da abertura comercial, as fábricas se modernizaram para poder competir com as importações, àquelas que não obtiveram êxito na renovação tecnológica quebraram, por isso no período houve uma retração da indústria, apesar dela ter se tornado mais competitiva por conta das novas tecnologias adotadas, além disso outros fatores contribuíram para a competitividade da indústria brasileira no mercado internacional, como a taxa de câmbio e de juros. Como nesta época a taxa de câmbio estava muito alta, os produtos brasileiros se tornavam menos competitivos. A cultura de algodão, também foi afetada nesse período, pois não havia uma política agrícola específica, como havia para a soja e o milho, assim comparativamente a cultura de algodão não era muito vantajosa, como as culturas rivais. Depois da abertura comercial, a indústria de têxteis e confecções passou rapidamente de uma balança superavitária para uma balança deficitária. Isso ocorreu pois com o fim das proteções tarifárias, os produtos asiáticos puderam entrar a um preço competitivo. As indústrias nacionais passaram a importar mais fibras para a produção, fibras de melhor qualidade a um preço competitivo. A indústria brasileira têxtil e de confecções nesse período se tornou expressiva na produção, comparada a outros países, pois passou a ocupar a oitava posição na produção de fios/filamentos, a sétima em como produtor de tecidos e a terceira posição na produção de malhas. Apesar da grande produção, no comércio internacional sua participação era inexpressiva, em 1997 representava 0,7% do total de exportações da indústria têxtil no mundo (Costa e Rocha, 2009).

Em 2004 a situação da indústria brasileira ficou ainda pior, pois o acordo internacional sobre têxteis e vestuários, feito pelo GATT em 1994, teve fim. O acordo protegia os países da concorrência internacional, já que previa cotas de exportação de têxteis e vestuário entre os países, assim não havia um livre competição de mercado (ABRAFAS). O Brasil, era beneficiado por esse acordo, pois os produtos nacionais eram menos competitivos e com a livre competição a parcela de produtos importados no país seria maior. Com o fim do acordo ocorreu uma invasão dos produtos asiáticos. Começou a livre competição de mercado, onde apenas as tarifas para os importados poderiam dar maior vantagem aos produtos nacionais. A China e os países asiáticos foram muito beneficiados com essas medidas, já que ganharam mercado em diversos países, como nos Estados Unidos, União Europeia e até mesmo no Brasil.

O setor teve um grande expansão no mercado global e no Brasil, em 2007 foi responsável por 17,3% dos empregos gerados na indústria de transformação brasileira, porém no comércio exterior, a participação brasileira caiu, sendo responsável por apenas 0,3% das exportações mundiais (Costa e Rocha, 2009). Atualmente, o setor têxtil e confecções ainda possui uma grande parcela nacional e segundo Fernando Pimentel, é o quinto maior produtor mundial em têxteis e o

quarto em confecção de vestuário. Porém desde 2010 a indústria vem sofrendo uma recessão: os altos custos dos impostos, logística e encargos trabalhistas, além do real valorizado, fizeram o Brasil perder mercado nacional para os produtos importados chineses. O aumento da parcela de importação no Brasil ocorreu devido à proteção dada pelos países europeus e os Estados Unidos aos seus mercados internos, importando menos produtos asiáticos. Os países asiáticos por sua vez, para manter a produção em alta, procuraram novas frentes de exportação e viram no Brasil uma ótima oportunidade, já que seu mercado consumidor é muito grande. O gráfico 1 mostra a evolução da balança comercial brasileira de têxteis e vestuário de 1994 até o ano de 2008, nota-se que a partir de 2006 as importações começaram a ser maiores que as exportações, tornando a balança deficitária.

Gráfico 1: *Balança comercial brasileira de produtos têxteis e confeccionados*



FONTE: ABIT

Em 2013 a previsão é que o Brasil perca ainda uma maior parcela do mercado, importando um terço dos produtos têxteis e tenha um crescimento de 2% ou se considera a possibilidade de permanecer estagnado o desempenho do setor têxtil e de confecções (Prado, Marcelo). O ano passado foi de retração na indústria, queda de 4,6% na produção de têxteis e de 10,5% no vestuário, segundo Pimentel. Ele afirmou ainda que para o Brasil é difícil a competição, pois a estrutura de custos é muito cara, enquanto os outros países tem uma oferta maior que a demanda, empurrando os preços para baixo.

Com o crescimento cada vez maior da produção chinesa, e dos seus baixos salários, é difícil para as indústrias brasileiras sustentar uma competição de preços com os chineses. Segundo o diretor técnico do Sebrae, Carlos Alberto dos Santos:

“O maior desafio, entretanto, é agregar valor às peças e qualificar a mão de obra para

competir com produtos internacionais que invadem o Brasil.”

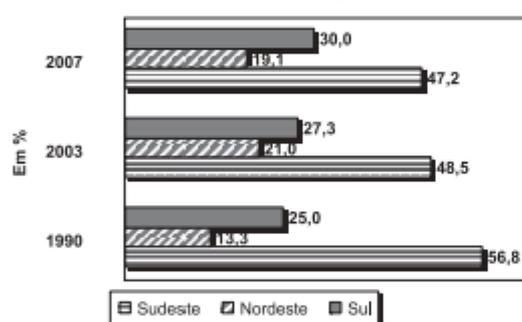
Os representantes da indústria têxtil nacional querem que medidas sejam tomadas, como a diminuição dos impostos, criação de linha de crédito e implementação de um regime tributário competitivo.

A indústria brasileira se divide pelo país em polos regionais de produção, que são divididos por estados e cada um tem a sua especialização. São Paulo têm concentrado as maiores confecções nacionais e atacadistas e a cidade de Americana é especializada em tecidos artificiais e sintéticos. No Estado do Rio de Janeiro a cidade de Friburgo ganha atenção especial, pela produção de lingerie e petrópolis, especializada em malharia e roupas de inverno. Santa Catarina concentra a sua produção no Vale do Itajaí, que tem um dos polos têxteis mais avançados do país e é o polo com maior inserção no mercado internacional, e o maior exportador de malhas e linha lar. O Ceará que tem a forte presença de empresas de tecidos *denim* e fio de algodão (Costa e Rocha, 2009).

Ao longo dos anos houve uma tendência de deslocamento da indústria. Antes de 1990 a maior parte da indústria estava concentrada na região sudeste. Apesar de a região ainda ter a maior parcela das indústrias no país, hoje ela está bem mais desconcentrada. Após 1990, a indústria se deslocou para a região do nordeste, à procura de mão de obra mais barata e incentivo fiscal dos governos estaduais. Ao longo dos anos 2000 foi a vez da migração para a região Sul, pois a região oferecia incentivos fiscais, além da proximidade com os consumidores serem maiores. O deslocamento para o centro-oeste aconteceu, mas em uma escala bem menor e reflete a busca por uma maior proximidade com a produção de algodão, principal matéria-prima na fabricação dos tecidos. Hoje a indústria está espalhada por todo o país, porém a região Sul e Sudeste concentram a maior parte, sendo empregada 80% da mão de obra. O gráfico 2 mostra a distribuição da indústria entre as regiões ao longo dos anos (Costa e Rocha, 2009).

Gráfico 2:

Distribuição Regional da Produção



Fonte: *Elaboração do BNDES, com base em dados do IEMI (2008).*

O Brasil tem como desafio reverter a balança comercial, para a sobrevivência da indústria nacional. Depois de alguns anos de recessão e da invasão dos produtos chineses no mercado nacional, muitas fábricas centenárias estão fechando as suas portas, como é o caso da Fábrica de tecidos Carlos Renaux que não conseguiu sobreviver a perda de competitividade frente aos produtos asiáticos, já que há uma alta carga tributária e um elevado custo de produção. Podemos observar a perda de uma parcela do mercado nacional pelo saldo da balança comercial no ano de 2012 que foi negativo em US\$ 5,32 bilhões, sendo que foram exportados US\$1,28 bilhão e importados US\$ 6,60 bilhões, segundo os dados da Texbrasil, programa de internacionalização da indústria de moda brasileira.

As indústrias brasileiras estão investindo em inovações, buscando novos tipo de tecidos e diferenciação, através da criatividade, agregando valor para os produtos, para poderem sobreviver e não perder a parcela de mercado já conquistada.

3. Indústria de moda

A moda sempre existiu, porém antes do final do século XIX ela era feita de uma forma artesanal e aristocrática. Nessa época o modo de se vestir durava séculos e seguia as tradições de cada cultura. O vestuário respeitava as normas coletivas que eram praticamente imutáveis. A moda, como chamamos nos dias de hoje, começou a existir quando o ser humano passou a ter uma noção de individualidade e da diferença entre as pessoas se traduzindo na diferenciação também pelo vestuário. Ela começou a existir primeiramente na alta sociedade que ansiava por novidades. Nessa época, foi adotado um vestuário diferente para homens e mulheres, diferenciando os sexos. Com a ascensão da classe burguesa no séc XVII a moda começou a se difundir, pois os burgueses estavam enriquecendo e começaram a copiar a moda que era usada pela alta sociedade, mesmo que sem todo o luxo e ostentação da monarquia.

A alta-costura nasceu no século XIX, naquela época as roupas da aristocracia eram feitas por costureiras muito habilidosas que davam vida ao desejo das suas clientes. As costureiras cumpriam com aquilo que foi pedido, não havia espaço para reivindicar o que lhes agradava mais. Esse quadro mudou na França em 1858, quando Chales Frédéric Worth, um comerciante inglês, abriu um ateliê em Paris e começou a confeccionar seus próprios vestidos para as damas da alta sociedade, sem se submeter aos anseios das clientes. Ele previamente fazia os modelos dos vestidos, que eram desfilados por modelos no ateliê e feito sob encomenda pelas suas clientes. Surgiu então o estilista, responsável por fazer as coleções e a moda.

Com a mudança histórica que ocorreu no mundo, o crescimento econômico, o surgimento de fábricas e o nascimento do capitalismo, a moda pode expandir para todas as classes, graças a produção industrial. Com a aceleração e a padronização das roupas, o anseio pela novidade, pelo diferente e querer ser reconhecido gera o desejo de consumo nas pessoas. Todas as pessoas passam a ter acesso a moda e esta é segmentada em duas partes: a alta-costura e a produção industrial. Como já foi dito anteriormente, a alta-costura é a criação de poucos modelos personalizados e é ela responsável por criar as tendências a cada temporada. A produção industrial apenas copia aquilo que está sendo feito pelas grifes de alta-costura, em uma grande escala e com tecidos e acabamentos de pior qualidade. Mais tarde, em 1949 surge o pret-à-porter, uma linha industrializada, porém com melhores acabamentos e tecidos, das grifes de alta-costura, assim as marcas podem vender em maior quantidade e auferir maior lucro.

Nos dias de hoje as lojas de moda se organizaram nessa linha: existem as *fast fashion*, que são grandes lojas, com produção em massa, que estão sempre renovando as prateleiras, com baixo

custo e produtos baratos acessíveis a todos os públicos; as grifes de luxo, que lançam novas coleções a cada temporada, com grandes desfiles e geram desejo nas pessoas, porém poucos podem consumir suas peças, além de roupas, produzem acessórios, perfumes e cosméticos. Essas grifes também possuem o ateliê de alta-costura com as roupas feitas sob medidas; e existem as marcas que estão entre as duas, são marcas que lançam diferentes coleções a cada estação, porém são mais acessíveis ao público do que as grifes de luxo.

Nos países da Europa e Estados Unidos, a moda é uma indústria consolidada e sempre teve um papel importante para a economia. Foi nos Estados Unidos, em 1943 que nasceu a primeira semana de moda no mundo. Eles tinham como objetivo impulsionar as vendas das roupas, juntando diversos desfiles em uma mesma semana, para o público ver a nova coleção de todas as grifes. Assim um sentimento de desejo é gerado nos clientes que depois iam as lojas procurando as roupas que haviam despertado esse sentimento. Os países da Europa seguiram a mesma linha. No pós-guerra a moda se reinventa e se firma como um mercado muito importante para os países, já que a indústria da moda tem uma particularidade que todas as outras indústrias gostariam de ter: a cada estação as tendências mudam, assim é preciso comprar novas roupas para se adaptar a estas, a rotatividade é muito grande e o tempo de duração de uma tendência é muito curto, de seis em seis meses as peças estão desatualizadas, então as pessoas compram roupas novas a todo momento.

No Brasil, a consolidação da moda como uma indústria relevante é um fenômeno mais recente. Isso pode ser notado, pois apenas em 1993 foi criada uma semana de moda com os padrões internacionais de vários desfiles, era o chamado *Phytoervas*, que mais tarde se transformou no *São Paulo Fashion Week*. Hoje a moda brasileira vive um momento de expansão e quer se firmar internacionalmente. Estilistas brasileiros como é o caso do Alexandre Herchcovitch, Carlos Miele, Pedro Lourenço, entre outros, possuem lojas e presença dos seus desfiles nas semanas de moda internacionais. A moda brasileira se destaca no exterior, não apenas com uma moda literal do Brasil com estampas de bananas, beija-flor e Carmen Miranda, mas com estilistas que carregam o Brasil como influência, por terem vindo do país, mas passando para suas roupas o *lifestyle* brasileiro sem o clichê, de uma forma mais conceitual. Outros estilistas buscam mostrar em suas roupas temáticas mais nacionais, para exportar para o exterior, já que o Brasil está na moda e a procura por produtos com ares tropicais tem aumentado. Isso cria a imagem do Brasil como um país tropical com um jeito de se vestir mais *easygoing*, mesmo o Brasil sendo um país com muitas diferenças culturais e muito diversificado. A moda praia também tem destaque, pois o Brasil é conhecido pela sensualidade da mulher brasileira e ao vestir um biquíni com a modelagem feita no Brasil, a mulher sente que está sensual como as brasileiras.

Os estilistas brasileiros são reconhecidos pela sua criatividade e tem alcançado grande

reconhecimento principalmente no Japão. No país as pessoas buscam se vestir de maneira original e criativa e não somente por aquilo que é estético, por isso com os diferentes tecidos e modelagens brasileiros tem saltado os olhos do consumidor nipônico. O Alexandre Herchcovitch por exemplo possui uma loja conceito no país e outros estilistas estão seguindo o mesmo caminho.

A semana de moda mais importante do Brasil é o *São Paulo Fashion Week*, que acontece duas vezes ao ano, o evento movimenta R\$1,8 bilhão em negócios, gera a cada edição 5 mil novos empregos e recebe de investimento no mínimo R\$ 8 bilhões. A cidade de São Paulo alcançou a 8ª posição na lista mundial das capitais da moda, elaborada pela GLM. Apesar da sua grande importância não só para o Brasil, mas para o mundo, o SPFW está sofrendo com a migração dos grandes estilistas brasileiros para as semanas de moda internacionais, as semanas de moda brasileiras ficaram carentes de estilistas criativos, assim o momento que se vive é de reprodução daquilo que já foi visto na Europa e Estados Unidos na temporada anterior. A indústria de moda brasileira, que está voltada para o mercado interno precisa se reinventar para poder competir com as marcas internacionais que estão chegando no Brasil. Muitas redes de lojas de outros lugares do mundo estão enxergando no Brasil uma ótima oportunidade de investimento, pois o mercado interno é grande e o país vive um bom momento econômico, além do fenômeno de enriquecimento das classes sociais.

Toda a importância que a indústria da moda tem ganhado no mercado interno brasileiro, pode ser verificada ao observar os dados de consumo da indústria. Segundo uma pesquisa feita pelo IBOPE, a perspectiva de consumo de roupas em 2013 é de R\$ 129 bilhões e o gasto per capita é de R\$ 786,39 por ano. As pessoas estão dando cada vez mais importância a estar na moda e a utilizam como uma maneira de se expressar, além disso, as marcas passam para os consumidores uma experiência de consumo que mexe com o sentimento e faz com que elas desejem cada vez mais roupas e estar sempre antenadas com as novas tendências. Da população brasileira 38% se diz em dia com a moda e as tendências. Os vestuários, calçados e acessórios são itens que tem tido um grande crescimento na venda online, segundo uma pesquisa feita pela e-bit, no primeiro semestre de 2013 respondeu pelo maior volume de vendas online, ultrapassando eletrodomésticos e eletrônicos. O percentual de vendas foi de 13,7% das vendas feitas pela internet.

A moda brasileira vive um momento de expansão, pois os consumidores atribuem grande importância ao vestuário, porém os estilistas precisam usar a criatividade para se reinventar e mostrar uma moda brasileira diferente do que é visto nos outros países. Os olhos do mundo todo estão voltados para o Brasil, e veem o país como uma ótima oportunidade de investimento, assim muitas lojas e marcas internacionais chegam ao país e os estilistas nacionais vão competir com elas pelo mercado interno, por isso é necessário a renovação e achar a sua própria identidade.

4. A indústria brasileira no cenário mundial

A indústria têxtil e de confecções brasileira vem perdendo o mercado para os produtos asiáticos que tem uma grande competitividade e a produção está diminuindo, pois esses produtos estão ganhando mercado interno, diminuindo a parcela ocupada pela produção doméstica. No primeiro subitem será analisado a estrutura de produção brasileira responsável pela perda de competitividade frente aos países asiáticos. No segundo subitem será feita uma análise da tendência mundial para o setor e como esta afeta o Brasil, influenciando a sua posição mundial. O terceiro subitem analisa o Brasil frente a tendência mundial da indústria.

4.1 Estrutura brasileira de produção da indústria têxtil e de confecções

A perda para os produtos asiáticos não vem da ineficiência da indústria nacional, mas da parte exterior às fábricas. Segundo Napoli (2007), a indústria têxtil brasileira é competitiva e moderna como os outros grandes produtores: China, Índia, Paquistão. O problema é do lado de fora das fábricas, onde existe uma alta carga tributária, questões trabalhistas e a falta de infraestrutura.

Frente a esse cenário de alta competição e busca para baratear os custos do produto, se tornou muito presente em diversas fábricas o uso de mão de obra de bolivianos. Como o país é o que apresenta menor IDH da América do Sul, a população migra buscando melhorar a qualidade de vida. Essa mão de obra estrangeira é usada como uma opção de mão de obra mais barata. A maioria dos bolivianos chegam ilegalmente, sem visto de trabalho e são explorados pelos donos das fábricas, vivendo em péssimas condições. Eles são obrigados a morarem nas fábricas e acabam se endividando pois têm que pagar para os proprietários luz, água, a moradia e não conseguem sair dessas condições. Os donos das fábricas utilizam essa mão de obra semiescrava, pois as leis trabalhistas são inflexíveis, tornando muito caro a contratação de mão de obra.

Outro problema que é apontado pelos empresários do setor é a elevada carga tributária. O mesmo produto é muitas vezes taxado mais de uma vez nas diferentes etapas de produção. Assim é cobrado imposto sobre imposto, encarecendo muito os produtos e dificultando a competição com os outros países. Somado a isso o Brasil ainda tem uma complexa carga tributária, variando entre os diferentes setores e até mesmo entre empresas, o que dificulta uma taxaação mais eficiente dos produtos para estimular a competitividade brasileira frente aos produtos importados.

O Brasil apesar de ser um dos maiores produtores da indústria no mundo, sua produção está voltada para o mercado interno, já que não é competitiva para ter maior custo-benefício que a China

e ganhar o mercado mundial. Com isso o Brasil ganhou importância tanto no mercado interno como no internacional em nichos de mercado, ou seja, em produções mais especializadas onde o menor preço não é o principal fator de competitividade, mas a inovação.

A indústria de *jeans* é um exemplo, no Brasil existem grandes fábricas de tecido e são as mais tecnológicas e criativas do mundo. Esse segmento está a frente dos outros países, ou seja, é o Brasil que dá as cartas do jogo, estando sempre a frente na inovação e as próximas tendências. Todo esse empenho em inovação foram responsáveis por dar as empresas brasileiras o status de fornecedor das maiores empresas de *jeans* do mundo: *Calvin Klein, Levi's, Zara, Diesel, Prada*.

A má fase que a indústria têxtil brasileira vem passando não afetou o segmento de *denim*. Enquanto a indústria têxtil encolheu 5,5% em 2012, o *jeans* aumentou 3,5% em volume de peças e 7,9% em faturamento chegando a R\$ 7,3 bilhões (IEMI, 2013). A posição do Brasil como maior produtor desse tecido não é afetado pelos países asiáticos, pois sua vantagem competitiva se dá pelo principal fator de produção, o algodão que é uma *commodity*, e não pela mão de obra como é o caso da indústria têxtil e confecções em geral (Aguinaldo Diniz Filho, 2013). Os produtos asiáticos tem uma maior competitividade nos produtos sintéticos derivados de petroquímicos, enquanto o Brasil, por ser o 5º maior produtor de algodão no mundo, possui uma competitividade nos tecidos derivados dessa matéria-prima. Os fabricantes brasileiros são líderes mundiais e os asiáticos não apresentam uma concorrência para os brasileiros, o crescimento do segmento mostra isso. No período de 2008 a 2012 o crescimento foi de 27% em comparação a um crescimento de apenas 4% na fabricação de outros artigos de vestuário (ABIT, 2013).

A moda praia é um outro segmento dentro da indústria têxtil e de confecções no qual o Brasil exerce liderança mundial. Como o Brasil tem uma grande extensão litorânea, a moda praia se tornou um segmento de grande importância nacional. Além disso se tornou uma referência internacional e tem um grande papel na economia nacional. O Brasil é o país que mais consome moda praia no mundo, movendo cerca de US\$ 1,5 bilhão anualmente, do total de US\$ 12 bilhões anuais, segundo a ABIT. A inovação e a modelagem da moda praia brasileira se tornou referência em todo o mundo e é reconhecida e copiada em todos os lugares. A moda praia entrou no calendário da semana de moda brasileira com uma forte presença e é muito aguardada pelos lojistas e estilistas, todos que integram essa indústria (Otsuka). Esse segmento está sempre investindo em inovações, ditando as tendências e sendo copiada pelos outros países. Como o ramo é muito efêmero na sua natureza, não adianta investir apenas em produtividade, o *design* e o *marketing* tem um papel fundamental para atrair clientes e obter sucesso na indústria (Marques, 2004). Nesse segmento são feitas muitas pesquisas para produzirem tecidos com novas tecnologias, como é o caso do surgimento da *lycra* e os tecidos com secagem rápida. Porém, para Marques é muito importante que

se invista em *design* pois aumenta o valor agregado do produto sem aumentar os custos de produção.

Em 2009 as exportações de moda praia foram muito superiores as importações, ajudando a balança comercial brasileira a ter um saldo positivo, conforme mostra a tabela 2. As importações feitas pelos brasileiros no ramo foram lideradas pela China, representando 60,3% da quantidade importada, com o volume de peças de 110.954 o que não é muito representativo frente a quantidade exportada (Veiga, 2010).

Tabela 2:

Código SH	Exportações	Importações	Saldo Balança Comercial	Corrente de Comércio
611241	7.895.086	336.052	7.559.034	8.231.138
611249	872.085	44.155	827.930	916.240
621112	3.610.179	238.580	3.371.599	3.848.759
Total geral	12.377.350	618.787	11.758.563	12.996.137

Fonte: calculado com dados da SECEX (2010).

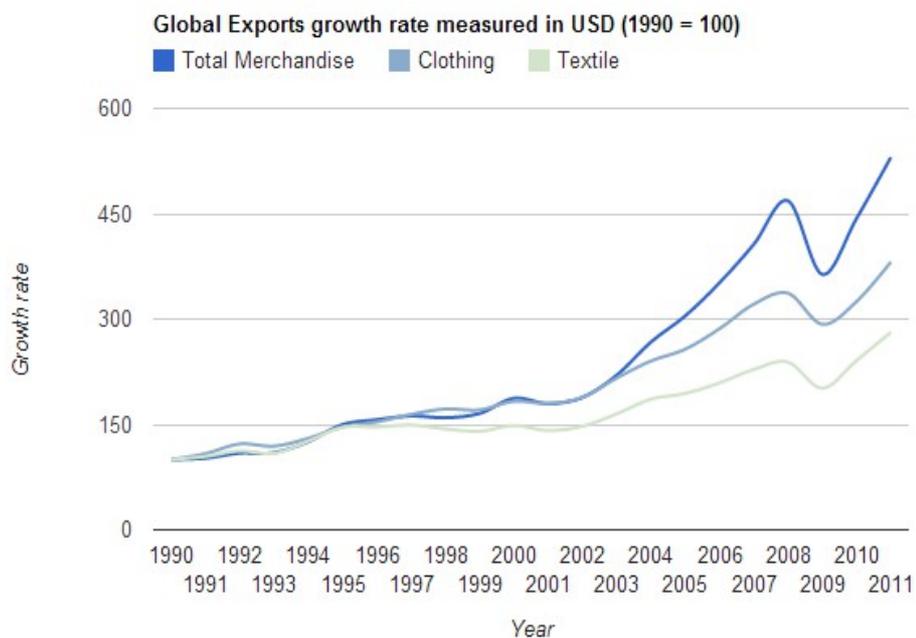
O Brasil espera crescer ainda mais suas exportações nos próximos anos, aproveitando a Copa mundial de futebol que terá sede no Brasil e os olhos internacionais estarão voltados para o mercado interno, varejistas e produtores planejam aumentar seus contratos de exportações. Como a moda praia é um segmento que depende da sazonalidade, aumentando as exportações para o países do hemisfério norte, diminui os períodos de baixa na indústria, movimentando o mercado nacional durante o ano inteiro.

4.2 Tendência mundial da indústria têxtil

A indústria têxtil e de confecções continua crescendo mundialmente. No ano de 2011, a indústria têxtil e do vestuário exportou aproximadamente U\$ 412 bilhões e exportou U\$ 294 bilhões, conforme podemos ver no gráfico 3.

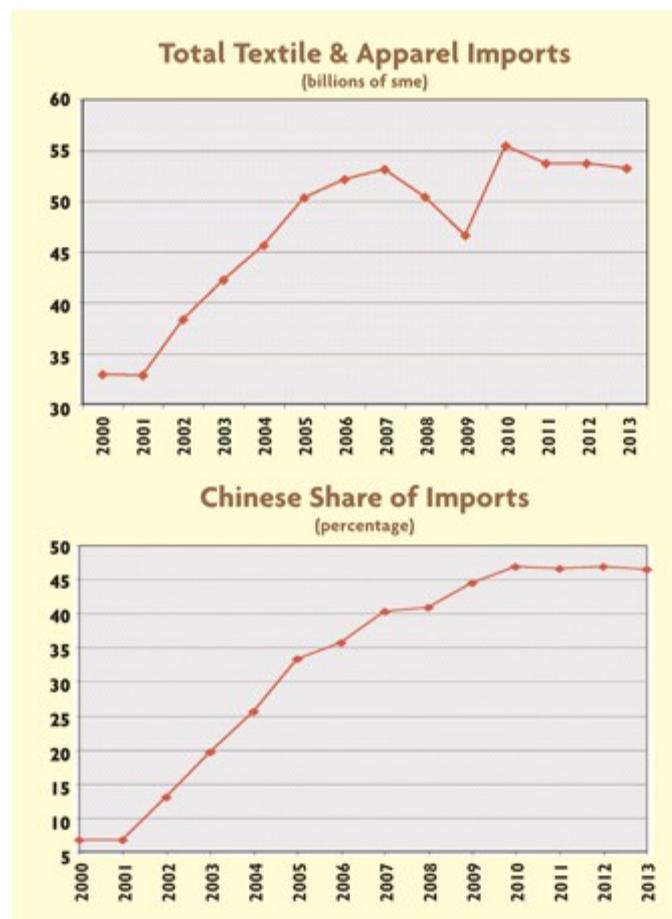
A indústria nos Estado Unidos se recuperou e em 2013 tem a perspectiva de crescimento, frente a recessão em 2010, eles são os principais importadores do setor têxtil, sendo sua maior parte de importação de produtos chineses, como podemos observar na segunda parte do gráfico 4. Na primeira parte do gráfico, mostra o total de importações americanas, e pode ser observada uma diminuição destas.

Gráfico 3:



FONTE: Fashion United

Gráfico 4:



FONTE: TEXTILE WORLD

Isso está ocorrendo, pois os principais exportadores da indústria têxtil e de confecções, que são os países emergentes, principalmente os asiáticos, estão sofrendo com um fenômeno de convergência dos salários entre os países desenvolvidos e emergentes. Então esses países estão ficando menos atrativos para as empresas estrangeiras, já que o maior fator de competitividade está com um custo maior. Em cinco anos os salários na China cresceram 100% em alguns setores (Pastore). Com isso muitas indústrias estão deixando as cidades mais desenvolvidas e indo para cidades do interior ou para outros países como Bangladesh, Índia. A diminuição das importações de têxteis e vestuário nos Estados Unidos está diminuindo, como é visto no gráfico acima, e isso ocorre pois com esse fenômeno algumas indústrias estão saindo da China. Não é possível dizer, porém, se o país será muito afetado na sua posição de maior exportadora mundial de têxteis, pois mesmo com salários mais altos, sua eficiência ainda é grande. O país tem baixos impostos, o governo estimula a produção dando incentivos, cortando impostos ou dando subsídios, e possui uma boa infraestrutura, além de terem as máquinas com as melhores tecnologias. Outros países emergentes que ainda possuem mão de obra barata não tem a infraestrutura que a China e os países desenvolvidos possuem, assim é necessário ver o *trade-off* entre mão de obra barata e eficiência na produção.

4.3 Posição do Brasil frente a tendência mundial

Com a grande competição entre os países para ganhar outros mercados consumidores para a exportação dos produtos têxteis, faz com que aqueles que possuem maior vantagem competitiva lidere as exportações, esse é o caso da China, que além de maior produtor é o maior exportador de têxteis. O Brasil, apesar de ser o 6º maior produtor mundial, tem uma parcela pouco significativa no mercado mundial e está perdendo cada vez mais mercado interno para os produtos asiáticos. Isso vem ocorrendo pois, apesar de algumas indústrias brasileiras serem competitivas, o país tem uma estrutura de custos cara. Por isso apesar do crescimento da indústria no mundo, no Brasil este crescimento é muito pequeno. Os segmentos dentro desta indústria que tem expandido suas exportações são os segmentos que dependem mais da inovação tecnológica e tem como principal matéria-prima o algodão, do que mão de obra barata como principal fator de produção. Por isso as indústrias de *jeans* e de moda praia Brasileira no mundo vem tendo um grande destaque e vem se consolidando como principais referências. Com a estrutura de custos muito cara, o Brasil precisa investir em *design*, *marketing* e tecnologia como vem fazendo nesses nichos de mercado, tanto para aumentar as exportações, quanto para crescer no mercado interno.

5. O custo Brasil e a desindustrialização

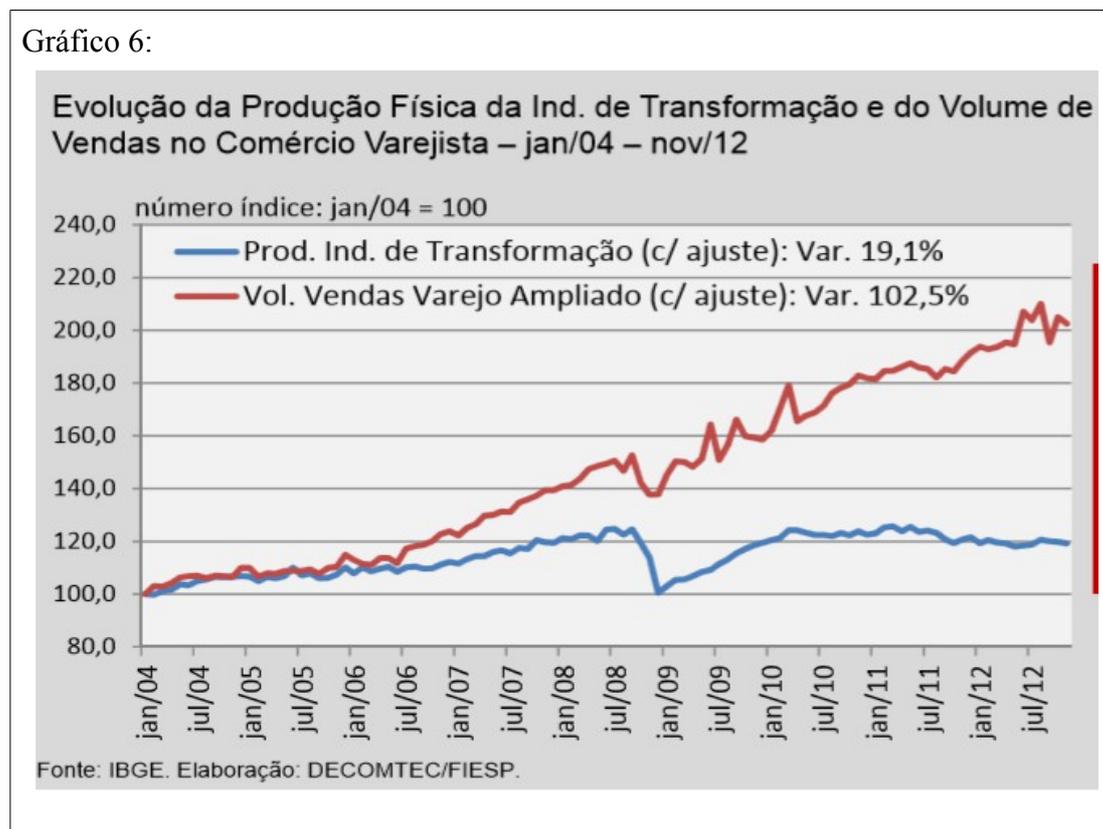
A indústria têxtil e de confecções brasileiras não é a única que apresenta um *gap* entre o consumo crescente e a diminuição da produção brasileira, que é preenchido pelas importações de produtos dos outros países, contribuindo para um deficit da balança comercial brasileira. Esse problema de perda de competitividade da indústria brasileira não é exclusivo da indústria têxtil e de confecções, mas de toda a indústria brasileira.

Esse problema é chamado de custo Brasil, ou seja, é o custo de se produzir no Brasil devido a todos os problemas com as altas cargas tributárias, custo de capital de giro, custo de energia e matéria-prima, mão de obra pouco qualificada, infraestrutura deficiente, custo de serviços *non-tradables*. Essas deficiências são fatores sistêmicos e para resolvê-los é necessário políticas de estado, não cabe as empresas este papel, apenas ao governo. Em 2012 a indústria de transformação retraiu 2,5% e o PIB brasileiro teve um baixo crescimento de 0,9% quando comparado a outras economias no mesmo ano e com o crescimento mundial de 3,2%. Os produtos nacionais tem um preço em média 34,4% mais caro que um similar importado dos principais parceiros comerciais, tanto de parceiros, quanto de países desenvolvidos e de países em desenvolvimento.

Gráfico 5:



Pelos altos preços dos produtos nacionais, a importação no Brasil está crescendo cada vez mais ao longo dos anos, conforme mostra o gráfico 5, e o *gap* entre a produção da indústria de transformação e o comércio de varejo, com um crescimento de 8,4% em 2012, está ficando mais acentuado. O gráfico 8 mostra a evolução do *gap* entre a produção industrial de transformação e o volume de vendas do varejo de janeiro de 2004 até julho de 2012 (FIESP, 2013).



Os fatores de deficiência que geram o custo Brasil são:

- Tributação, a carga tributária direta na produção acrescenta ao valor do produto nacional 6,7% em relação aos parceiros, 7,5% em relação aos desenvolvidos, 5,6% dos emergentes e 5,1% em relação a China. Além disso há um aumento das taxações que ocorrem mais de uma vez no mesmo produto. A burocracia para pagar os tributos aumenta o número de funcionários necessário para essa função nas empresas.
- Capital de giro, o custo do capital é o mais alto, isso se deve as altas taxas de juros da SELIC, que aumentam a remuneração dos depósitos. A comparação é feita entre as taxas de lucro que dificilmente são muito elevadas, o que encarece o custo do capital.
- Energia e matérias-primas, devido a abundância de recursos naturais, era natural que o Brasil obtivesse uma vantagem competitiva em relação aos outros países produtores dos industrializados, porém não é isso que ocorre. Ao analisar a China, por exemplo, o Brasil tem um custo de 7,7% superior ao da China.

- Infraestrutura logística, as malhas ferroviárias e rodoviárias estão bem abaixo dos outros países, até em comparação com os emergentes. Custos de transporte, manutenção de frota e armazenamento, são gastos da indústria nacional que em outros países com uma boa infraestrutura não existe.
- Custos extras de serviços e funcionários, serviços que deveriam ser providos pelo estado, como é o caso da saúde, tem baixa qualidade, assim as empresas precisam fornecer esses serviços para os funcionários terem melhores rendimentos, aumentando o custo das empresas.
- Serviços *non-tradables*, os serviços brasileiros tem elevados custos, e a indústria precisa desses serviços, aumentando também o custo dos produtos. O Brasil não tem o preço dos serviços mais elevados apenas que dos países desenvolvidos.

Além do custo Brasil, a alta taxa de câmbio também afeta o aumento das importações. Países como a China e o México mantêm sua taxa de câmbio desvalorizada para seus produtos ficarem mais baratos, ganhando mais competitividade, aumentando o volume das suas exportações para os outros países. No Brasil a taxa de câmbio valorizada favorece os importadores e prejudica os exportadores, já que os produtos brasileiros se tornam mais caros nos outros países, afetando a produção industrial, o crescimento da atividade, do emprego e da renda na economia como um todo. No longo prazo, a manutenção de uma taxa de câmbio valorizada pode ser muito desvantajoso para a economia nacional (FIESP, 2013).

Cano (2012), a perda de competitividade dos produtos da indústria de transformação brasileiros devido ao custo Brasil e a valorização da taxa de câmbio, está gerando uma desindustrialização da economia Brasileira antes do fechamento do ciclo de industrialização. Os países desenvolvidos sofreram desindustrializações, mas esta ocorreu como um processo natural de substituição das indústrias pelos serviços, essas sociedades passaram por uma sofisticação. A expansão do setor terciário demandou uso intensivo de mão de obra e alto grau de especialização, houve uma migração da mão de obra da indústria para o setor de serviços, que passaram a gerar mais emprego e renda, sendo os mais dinâmicos dessas economias.

No caso do Brasil, porém, a desindustrialização está ocorrendo, porém a diminuição da indústria é um fator preocupante, pois além de deixar de gerar empregos, cria uma dependência dos produtos importados, pois ao longo dos anos houve um aumento do consumo de industrializados de melhor qualidade e ao mesmo tempo uma retração da indústria de transformação. Desde 2002, o Brasil tem aumentando suas exportações significativamente, gerando um superavit na balança comercial, conforme mostra a tabela 3.

Tabela 3:

Balança Comercial 1995-2009 (US\$ bilhões)

Ano	Balança Comercial
1995	-3,5
1996	-5,6
1997	-6,7
1998	-6,6
1999	-1,2
2000	-0,7
2001	2,7
2002	13,1
2003	24,8
2004	33,6
2005	44,7
2006	46,2
2007	40,3
2008	24,8
2009	25,3

Fonte: Banco Central do Brasil, *Boletim do BC*.

Esse crescimento não ocorreu, no entanto, por um aumento dos produtos industrializados, mas sim por um aumento das exportações do setor primário de *commodities*. A parcela exportada dos produtos industrializados, tem tido uma queda. Essa parcela que chegava a 60% nos anos 2000 e no ano de 2012 representou 36,4% da pauta exportadora (Cano, 2012). Por mais dinâmico que o setor primário seja, ele tem possibilidade limitada de agregar valor e seus preços são formados fora do mercado nacional, assim com uma diminuição da demanda ou uma queda dos preços deixa poucas alternativas para a economia (DIEESE, 2011). A tabela 4 mostra a diminuição que vem ocorrendo nas exportações de industrializados e o aumento dos produtos primários desde o ano 2000 até 2011.

Tabela 4:

Brasil: Exportações segundo Fator Agregado (%)

Ano	Primários	Semimanufaturados	Manufaturados
2000	23,4	15,8	60,7
2006	29,9	14,5	55,6
2007	32,8	13,9	53,5
2008	37,9	13,8	48,1
2009	41,4	13,7	45,0
2010	45,5	14,3	40,2
2011	48,8	14,3	36,8

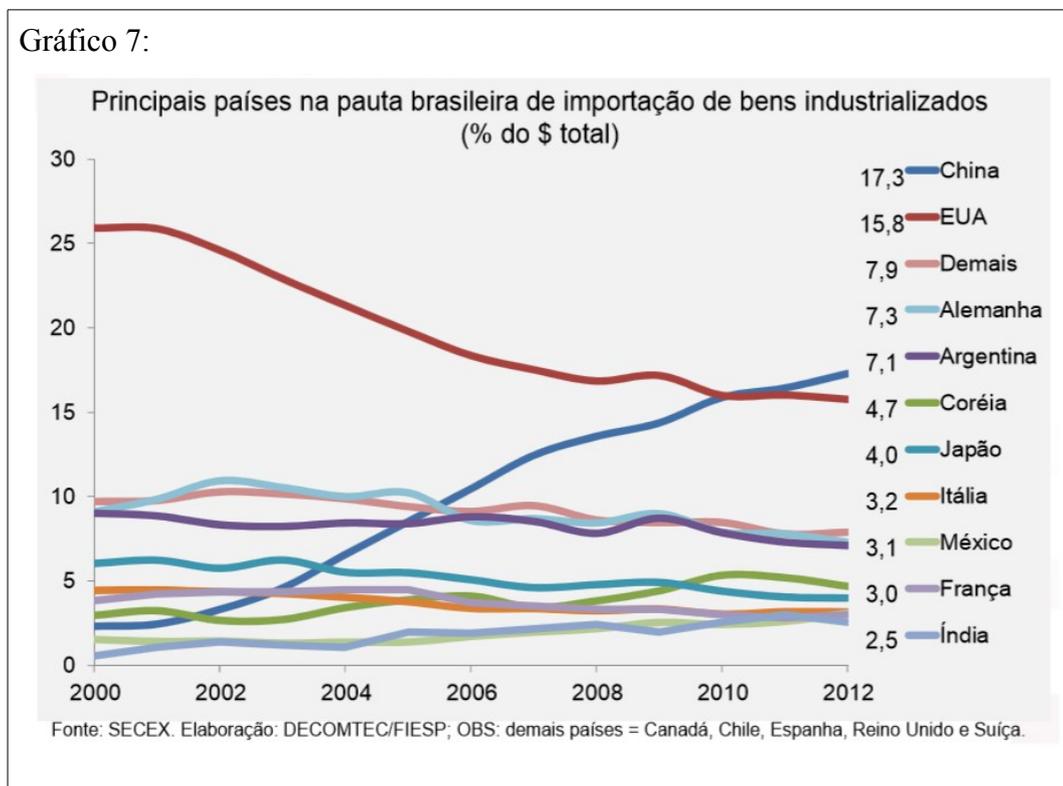
Fonte: Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio (MDIC)

O processo de desindustrialização brasileira vem ocorrendo, segundo Wilson Cano (2012), devido aos fatores:

- A elevada taxa de câmbio nacional que diminui a competitividade dos produtos brasileiros;
- A abertura comercial desregrada, na qual houve uma drástica redução nas tarifas de importação que combinado com a valorização do real reduziu drasticamente a proteção da indústria nacional;
- As elevadas taxas de juros fazem com que os investidores a comparem com as taxas de retorno, que em quase todos os setores não tem sido muito elevados;
- O investimento direto estrangeiro, pois muitas vezes detém um caráter especulativo.

Com o deslocamento das indústrias dos países desenvolvidos para os países asiáticos, principalmente para a China. Fez com que a competição brasileira fosse dificultada, pois o país tem baixos custos de produção. Esse fator contribuiu para o aumento da parcela de importados chineses no Brasil e uma diminuição da parcela de mercado dos Estados Unidos. Esse processo pode ser analisado no gráfico 7, elaborado pela FIESP (2013), onde é possível ver que as mudanças mais notáveis na pauta de importação brasileira é a substituição dos produtos americanos pelos chineses.

Gráfico 7:



A crise de 2007 e a desaceleração da economia também teve um papel importante para a

retração da indústria brasileira. Os países visando a sua melhora econômica principalmente os Estados Unidos e China, adotaram uma prática agressiva de competição para aumentar as exportações de seus produtos industrializados e sustentar um crescimento econômico.

Segundo Pimentel (2013), o Brasil não está sofrendo uma desindustrialização, o número de trabalhadores na indústria, no período de 2001 a 2011 quase dobrou, e a proporção vem se mantendo a quase um século. A indústria está passando por uma fase de “rearranjo do tecido industrial”, onde há uma substituição das indústrias intensivas em mão de obra pelas mais especializadas, com uso de tecnologias.

Depois da crise o governo Dilma despendeu muitos esforços para retomar o crescimento da indústria, entre estes a desoneração fiscal, aumento do programa de incentivo ao investimento a taxas quase negativas, diminuição das taxas de juros. Essas políticas tiveram como principal foco a redução dos custos dos fatores para a indústria se tornar mais competitiva. Porém no longo prazo é necessário investir e fazer políticas para diminuir o custo Brasil pois as medidas tomadas, tiveram foco no curto prazo.

O Brasil vem sofrendo com o aumento da competitividade dos países emergentes na indústria de transformação. Com os altos custos para a produção no Brasil, devido a deficiência dos fatores sistêmicos e para ter um uma balança comercial superavitária, foi estimulado desde o governo Lula em 2002, um aumento nas exportações de *commodities*. Os baixos preços e a eficiência da indústria de transformação, principalmente chinesa, tornaram a competição dos industrializados brasileiros muito difícil. Bertelli (2013), a retração da indústria brasileira tem ocorrido em grande parte pelo fraco desempenho do setor têxtil e de confecções, que está sendo um dos mais afetados com essa concorrência. Com um grande aumento do custo unitário de produção. Para retomar o crescimento do setor industrial é necessário diminuir o custo Brasil, para reverter o processo de desindustrialização e o Brasil não se tornar um exportador apenas de *commodities*. É necessário tomar medidas de longo prazo para tornar atrativo o investimento no país e a diminuição dos custos de produção.

O mercado brasileiro está tendo uma grande expansão com o enriquecimento da população e é preciso aproveitar as oportunidades do mercado interno para aumentar a produção industrial. As classes em ascensão estão aumentando o consumo e na falta dos produtos nacionais estão consumindo importados, que oferecem um melhor custo-benefício. Isso ocorre com todas as indústrias de transformação e pode ser bem representado pela indústria têxtil e de confecções; o aumento do consumo de moda, está sendo preenchido por uma parcela de produtos chineses. O empresário nacional das *privates label*, desenham suas coleções e buscam na China fornecedores para a produção destas, já que eles são mais eficientes. Enquanto não há uma melhoria do custo

Brasil, a saída para os produtores brasileiros é investir em *design* e inovação, como já fazem nos segmentos de *jeans* e moda praia, pois a inovação agrega valor ao produto. Assim a indústria brasileira não competiria por menor preço, mas por um produto de melhor qualidade e inovação.

6. Conclusão e ponderações finais

A indústria têxtil e de confecções brasileira não está vivendo um bom momento, isso se deve em parte a competição com os produtos chineses que tem um baixo custo. Com a crise de 2007 a importação cresceu ainda mais, já que os chineses buscaram expandir suas exportações para outros países, pois seus maiores importadores, Estados Unidos e Europa, diminuíram essa parcela. Muitas fábricas centenárias brasileiras estão fechando suas portas, pois não conseguiram competir com os produtos asiáticos. Como a indústria é intensiva em mão de obra a China tem uma grande vantagem competitiva, já que está é barata e abundante.

O segmento de moda porém, vive um bom momento, expandindo suas vendas. Estilistas brasileiros estão ganhando espaço no exterior, atraindo atenção para o mercado interno. As semanas de moda nacionais estão cada vez mais movimentando mais investimentos, tanto diretos como indiretos. Com o enriquecimento da população, as pessoas estão dando mais valor e ficando mais ligadas a moda. Com o aumento do consumo de roupas e a retração da indústria têxtil e de confecções, houve um descompasso entre os setores, que foi abocanhado pelos produtos chineses. Com essa forte competição, os segmentos da indústria têxtil e de confecções que estão indo melhor são o de moda praia e o de *jeans*, pois ambos apresentam o principal fator de competitividade, a inovação.

O mundo está se recuperando da crise de 2007 e com isso as vendas de vestuário no mundo estão aumentando e o principal fator de competitividade da China está se tornando menos atrativo, pois os preços da mão de obra dos países desenvolvidos e emergentes estão convergindo. O Brasil têm problemas estruturais deficientes que faz com que o país não seja um bom ambiente de negócios. Esse problema se reflete não apenas na indústria têxtil e de confecções, mas na indústria como um todo. Por isso está ocorrendo uma desindustrialização precoce, diminuindo a parcela de exportações de industrializados e aumentando a de produtos primários.

Para aproveitar a tendência global de crescimento da indústria de moda e o enriquecimento da população brasileira, é necessário que medidas sejam tomadas para reverter o quadro do custo Brasil e consequentemente a desindustrialização. Para isso são necessárias políticas de governo que aumentem a eficiência da produção industrial. O setor têxtil e de confecções precisa adotar medidas para inovar o produto, dando mais foco para o *design*, assim pode haver um aumento da indústria nacional, ganhando o reconhecimento internacional e aumentando as exportações para os outros países.

7. Bibliografia

ALVES, Rozane; o setor confecções de vestuário e acessórios: estratégias competitivas, julho 2008, disponível no link: <http://www.sober.org.br/palestra/9/530.pdf>

ATV, acordo sobre têxteis e vestuários, disponível no link: <http://www.abrafas.org.br/abrafas/atuacao/atv/historico.html>

BBC Brasil, Diferença de salários entre emergentes e ricos é cada vez menor, disponível no link: http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2013/05/130422_convergencia_salarios_ru.shtml

BISELLI, Marcos, China's role in the global textile industry, 2009, disponível no link: <http://www.ceibs.edu/bmt/images/20110221/30207.pdf>

BRAGA, João. História da Moda no Brasil. São Paulo: Editora Pyxis, 2011

CAMPOS, Antonio C.; PAULA, Nilson M. - A indústria têxtil brasileira em um contexto de transformações mundiais, disponível no link: http://www.bnb.gov.br/content/aplicacao/Publicacoes/REN-Numeros_Publicados/docs/ren2006_v37_n4_a8.pdf

CANO, Wilson, A desindustrialização no Brasil, dezembro de 2012

Estadão, matéria: China da 27 tipos de subsídios para o setor têxtil, disponível no link: <http://economia.estadao.com.br/noticias/economia,china-da-27-tipos-de-subsidios-para-o-setor-textil,125934,0.htm>

Estadão, matéria: Maior polo têxtil do Brasil sofre com a concorrência dos chineses, disponível no link: <http://economia.estadao.com.br/noticias/economia,maior-polo-textil-do-brasil-sofre-com-a-concorrenciam-dos-chineses,99446,0.htm>

FIESP, “Custo Brasil e a taxa de câmbio na competitividade da indústria de transformação brasileira, Março de 2013.

IEMI, Jeans ignoram crise e crescem 7,9%, disponível no link: <http://www.iemi.com.br/2013/02/18/jeans-ignoram-crise-e-vendas-crescem-79/>

Jade Bruger Macnee, A nova organização da indústria da moda no Brasil, monografia de final de curso (PUC-Rio economia, 2011)

Jornal Bom dia Brasil, matéria Em crescimento, indústria brasileira de jeans não teme invasão chinesa, disponível no link: <http://g1.globo.com/bom-dia-brasil/noticia/2013/10/em-crescimento-industria-brasileira-de-jeans-nao-teme-invasao-chinesa.html>

Jornal O Valor, matéria: Brasil não sofre problema de desindustrialização, afirma Pimentel, disponível no link: <http://www.valor.com.br/brasil/3274314/brasil-nao-sofre-processo-de-desindustrializacao-afirma-pimentel>

LINS, Camila R., Nas costuras do trabalho escravo, um olhar sobre os imigrantes bolivianos ilegais que trabalham na grande São Paulo, 2005, disponível no link: http://reporterbrasil.org.br/documentos/nas_costuras_do_trabalho_escravo.pdf

MARQUEZINI, SIMONE V.; PASSANEZI, Paula M. S.; CARVALHO, Alexandre; Setor têxtil: um estudo dos efeitos da abertura comercial sobre o setor têxtil brasileiro, outubro 2004, disponível no link: <http://www.revistaiberoamericana.org/ojs/index.php/ibero/article/view/48/1336>

O surgimento da indústria no Brasil – Origem e história, disponível no link: <http://textileindustry.ning.com/profiles/blogs/o-surgimento-da-industria-no-brasil-origem-e-historia>

Matéria g1: Indústria têxtil movimentada e gera empregos na região nordeste, disponível no link: <http://g1.globo.com/jornal-hoje/noticia/2013/05/industria-textil-movimentada-economia-e-gera-empregos-na-regiao-nordeste.html>

NAPOLI, Silvio, Diferenciação do produto: Estratégia da indústria têxtil para enfrentar a concorrência estrangeira, 2007, disponível no link: http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2013/05/130422_convergencia_salarios_ru.shtml

Notícias CIC Caxias, Indústria têxtil e de confecções quer recuperar mercado global, disponível no link: <http://www.cic-caxias.com.br/noticias/detalhe.asp?idNoticia=2580>

O valor, matéria: indústria têxtil espera crescer até 2% em 2013, disponível no link: <http://www.valor.com.br/empresas/2977804/industria-textil-espera-crescer-ate-2-em-2013>

PASTORE, José, O trabalho na China, 2005, disponível no link: http://www.josepastore.com.br/artigos/rt/rt_238.htm

Paula da Silva Carvalho, monografia de final de curso (PUC-Rio, economia, 2010)

Prefeitura de Osasco, Programa Osasco digital observatório do trabalho de Osasco e região e estudos setoriais, disponível no link: <http://www.osasco.sp.gov.br/arquivos/21/relatorio-industria-textil-vestuario.pdf>

Relatório do BNDES, setor têxtil e confecções, Março 2009, disponível no link: http://www.bndes.gov.br/SiteBNDES/export/sites/default/bndes_pt/Galerias/Arquivos/conheciment/o/bnset/Set2905.pdf

Relatório DIEESE, Desindustrialização: conceito e situação do Brasil, 2011, disponível no link: http://portal.mte.gov.br/data/files/8A7C812D3052393E013055A36C450E9D/dieese_nt100.pdf

Revista Exame, Brasil empregaria como escravos até 100 mil bolivianos, disponível no link: <http://exame.abril.com.br/brasil/noticias/la-paz-brasil-empregaria-como-escravos-de-50-00-a-100-000-bolivianos>

Revista Exame, matéria: Custo Brasil encarece em até 30% produtos, disponível no link: <http://exame.abril.com.br/economia/noticias/custo-brasil-encarece-em-ate-30-produtos-no-pais>

Revista Exame, matéria: Fim do acordo têxtil internacional aumenta temor por produtos asiáticos, disponível no link: <http://exame.abril.com.br/negocios/noticias/fim-do-acordo-textil-internacional-aumenta-temor-por>

[produtos-asiaticos-br-m0075546](#)

Revista Exame, O que esperar para 10 setores da economia brasileira em 2013, disponível no link: <http://exame.abril.com.br/economia/noticias/o-que-esperar-para-10-setores-da-economia-brasileira-em-2013>

Revista Isto é Dinheiro: O país do jeans, disponível no link: http://www.istoedinheiro.com.br/noticias/4710_O+PAIS+DO+JEANS

Revista: Pequenas empresas grandes negócios, matéria: Moda brasileira é destaque internacional, disponível no link: <http://revistapegn.globo.com/Revista/Common/0,,EMI299544-17180,00-MODA+BRASILEIRA+E+DESTAQUE+NO+MERCADO+INTERNACIONAL.html>

Revista Veja, matéria: sem estampas de banana, moda brasileira tenta se firmar no exterior. Disponível no link: <http://veja.abril.com.br/noticia/celebridades/sem-estampas-de-banana-moda-brasileira-tenta-se-firmar-no-exterior>

Sebrae, Relatório de acompanhamento setorial, Março 2008, disponível no link: <http://www.sebrae.com.br/setor/textil-e-confecoos/o-setor/textil-e-confecoos/panorama/Documento%20Textil.pdf>

SERRA, Neusa; ATEM, Suely M; O custo da modernização do setor têxtil brasileiro, disponível no link: http://www.seade.gov.br/produtos/spp/v02n04/v02n04_14.pdf

Site Brasil Maior, Plano Brasil Maior, inovar para competir, competir para crescer, disponível no link: <http://www.brasilmaior.mdic.gov.br/conteudo/128>

Site Design Brasil – o mercado de moda, disponível no link: <http://www.designbrasil.org.br/setoresprodutivos/moda-e-vestuario/o-mercado-de-moda?page=2#.UhJ1H5KsiSo>

Site UOL, como tudo funciona: breve história da moda, disponível no link: <http://pessoas.hsw.uol.com.br/industria-da-moda1.htm>

Site Fashion Forward, matéria: Varejo: Consumo de produtos de moda bate recordes na internet, disponível no link: <http://ffw.com.br/noticias/business/consumo-de-produtos-de-moda-bate-recorde-na-internet-veja-os-dados-do-setor-pesquisa-ebi/>

Site Fashion United, Estatísticas de vestuário internacionais, disponível no link: <http://www.fashionunited.com/global-fashion-industry-statistics-international-apparel>

Site O muro de berlin: Infográfico da ESPM sobre o consumo de moda no Brasil, disponível no link <http://berlin.inf.br/muro/?p=2686>

Site: Valor luxury lab: mercado de moda brasileiro precisa se reinventar, disponível no link: <http://luxurylab.com.br/2013/06/13/mercado-de-moda-brasileiro-precisa-se-reinventar/>

Site RHRio, Artigo: PASTORE, José - Salários e competitividade da China, disponível no link:

<http://portalrhrio.com.br/component/content/article/42/132-salarios-e-competitividade-na-china.html>

Site SPFW, A Origem do SPFW, disponível no link:
<http://sp.fashionweek.com.br/post/65-a-origem-do-spfw/>

Site EPOCH TIMES: Moda brasileira deve se desenvolver em nichos de mercado, disponível no link: <http://www.epochtimes.com.br/moda-brasileira-deve-se-desenvolver-em-nichos-de-mercado-diz-consultora/#.UpNOwsSsim5>

Site Textile World, Textil 2013, the turnaround continues, disponível no link:
http://www.textileworld.com/Articles/2013/January/January_February_issue/Textiles_2013.html

Site Global Production, Textil: Trends in global production and trade, disponível no link:
<http://www.global-production.com/textiles/trendstudy/>

Site Defesanet, desindustrialização no Brasi: causas e consequências, disponível no link:
<http://www.defesanet.com.br/pensamento/noticia/10472/Desindustrializacao-no-Brasil--causas-e-consequencias>

Site relações internacionais, A progressiva desindustrialização no Brasil, disponível no link:
<http://relacoesinternacionais.com.br/economia-internacional/a-progressiva-desindustrializacao-no-brasil/>

Site moda manifesto: moda além do obvio, disponível no link:
http://www.modamanifesto.com/index.php?local=detalhes_moda&id=557

SHEPERD, William G. The economics of industrial organization. Illinois: Waveland Press, 1999

Terra, notícia: Indústria da moda ganha mercado mundial, disponível no link:
<http://economia.terra.com.br/industria-da-moda-brasileira-ganha-espaco-no-mercado-mundial,8b88885ca376b310VgnCLD200000bbcceb0aRCRD.html>

Terra, notícia: Brasil é o país que mais consome moda praia no mundo, disponível no link:
<http://economia.terra.com.br/brasil-e-o-pais-que-mais-consome-moda-praia-no-mundo,9708a5dd308da310VgnCLD200000bbcceb0aRCRD.html>